

VIVÊNCIAS NA ESCOLA EM LOCAIS CONTROLADOS PELA MILÍCIA

Mateus da Silva Souza¹; Antonia Valbenia Aurélio Rosa Rodrigues²

¹ Estudante do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação e Ciências Integradas de Crateús – FAEC/UECE, Crateús – CE, Brasil, mateusinho.souza@aluno.uece.br

² Doutora em Educação, Professora do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação e Ciências Integradas de Crateús – FAEC/UECE, valbenia.rosa@uece.br.

Resumo

O objeto do artigo discute sobre as vivências na escola e os desafios enfrentados no campo pedagógico situados em locais de conflitos e violência urbana. Trata-se de um estudo de revisão de literatura com relato de experiência da pesquisa realizada na favela Rio das Pedras, na cidade do Rio de Janeiro, território dominado pela milícia. O objetivo é analisar e discutir a relação entre a pobreza e a educação a partir de autores relacionados ao relato de experiência em um campo de pesquisa etnográfica, controlado pela milícia. As interlocuções teóricas de Mattos, Burgos e Paugam contribuíram para as análises. O texto discutirá dois aspectos: o primeiro, a relação de pobreza e educação no contexto da mobilidade dos sujeitos; o segundo, as vivências na escola em locais controlados pela milícia, a partir das vozes dos sujeitos participantes do estudo. Por fim, acredita-se que o estudo contribua para o entendimento da escola como um espaço de construção social, a partir dos próprios sujeitos.

Palavras-Chave: Pobreza. Escola. Violência. Etnografia.

Introdução

Este artigo faz parte da tese de Doutorado em Educação, com o título Migração do Nordeste para Rio das Pedras: um estudo de caso etnográfico, defendida em 2019, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O local onde ocorreu a pesquisa tem o domínio de grupos criminosos que impactam o cotidiano das pessoas, exercem o controle do tempo e do espaço. Embora o objeto da pesquisa fosse a análise dos processos migratórios do Nordeste para Rio das Pedras, enfatiza-se as dificuldades encontradas em razão da violência na favela, fazendo com que o acesso ao campo de pesquisa impusesse desafios e riscos à pesquisadora. Algumas medidas foram tomadas, como o uso de imagens e sons que não poderiam ser realizados na sala de aula e no conselho de classe.

A escola pesquisada encontra-se dentro da favela de Rio das Pedras, embora a escola estivesse localizada fora da área controlada pela milícia, também sofreria as consequências da violência urbana. Portanto, descrever os desafios e as possibilidades da pesquisa etnográfica nas condições encontradas, torna-se fundamental a reflexão sobre a prática pedagógica e das políticas públicas educacionais em contexto de vulnerabilidade social.



REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP

Associação Nacional de Instituições de Pedagogia

Os sujeitos participantes da pesquisa foram eleitos dois grupos: o primeiro, é composto por três famílias que relataram sobre a mobilidade do Nordeste para Rio das Pedras; o segundo, é composto por alunos e alunas da sala de aula do 4º ano do Ensino Fundamental; foram sujeitos secundários, diretora, coordenadora, professores e funcionários membros da comunidade escolar. O campo de abordagem etnográfica foi realizado no período de abril a novembro do ano de 2016.

Os instrumentos utilizados na pesquisa foram: entrevistas com famílias produzidas em áudio e vídeo, anotações no caderno de campo durante as observações participantes, áudio complementar as notas de campo e demais fontes como fotografias, documentos escritos e/ou produzidos pelos sujeitos participantes. Neste estudo, após a transcrição dos dados do campo, a análise de conteúdo se deu pelo método indutivo, a partir das vozes dos sujeitos participantes e sustentado pelo referencial teórico da pesquisa.

Ao longo dos anos, o Núcleo de Etnografia em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (netEDU/UERJ) utiliza-se da produção do conhecimento em que se evidencia a descrição densa e o método indutivo no qual os dados emergem a partir do conteúdo da fala dos sujeitos no campo. Com base nos estudos de Mattos (1992), tem-se a concepção *bottom-up*, que ocorre pelo olhar dos sujeitos da pesquisa. Ainda em relação ao processo de análise, este se dá nas várias etapas da pesquisa. Para André (2013), os relatos de caso mostram estilo narrativo e vinhetas, pois a "preocupação e com a transmissão direta, clara e bem articulada do caso" (André, 2013, p. 101). Neste estudo, o caso trata-se da migração das famílias e a situação dos estudantes em sala de aula, seus papéis sociais e educacionais, além do contexto de Rio das Pedras.

Os estudos etnográficos e as investigações qualitativas, baseando-se em Bachtold e Robert (2022), têm contribuído para formulações de políticas públicas e educacionais, contribuindo nas explicações de dados quantitativos coletados através dos institutos de pesquisas como exemplo. De acordo com Bachtold e Robert (2022):

Nos últimos anos, tem sido crescente, entre gestores e técnicos do governo federal, a busca por informações e pesquisas contextualizadas in loco, que reflitam as complexidades, os múltiplos interesses, as perspectivas e os desafios da implementação de políticas públicas junto a cidadãos usuários e trabalhadores da ponta (p.251).

Neste estudo, a migração das famílias e a situação do aluno em sala de aula, seus papéis sociais e educacionais foram discutidos através da literatura e dos dados obtido no campo de

pesquisa. Entende-se que as políticas sociais no Brasil, voltado para os que vivem em condições sociais mais pobres, não tem garantido a permanência das famílias no seu lugar de

origem. A reflexão a partir de Martins (1997), sobre a questão social no país, não tem sido o necessário para a melhoria das condições de vida, estes continuam migrando.

A escolarização é vista com ascensão social, foi mencionada pelos participantes deste estudo como uma das possibilidades para ter acesso a oportunidade e empregos com salários bem remunerados, a ausência da escolaridade obrigatória gera a exclusão social e educacional.

As famílias relataram que na migração é ocasionado algum tipo de vulnerabilidade, como rupturas familiares através da separação de seus filhos e filhas. Algumas famílias precisaram da rede de apoio que é assegurada por membros familiares em pessoas próximas no período do desemprego. Os estudos de Burgos (2002) revelam que Rio das Pedras é uma comunidade que desenvolveu um mecanismo de proteção das famílias.

A escola apresenta uma percepção de que o aluno não participa de atividades culturais pelas condições em que vivem na comunidade, a ausência dos pais nas tarefas e outras atividades escolares, violência doméstica e separação dos pais, de algum modo são fatores que podem interferir na aprendizagem do aluno interferindo nos resultados escolares, como discutido no Conselho de Classe.

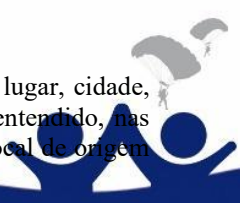
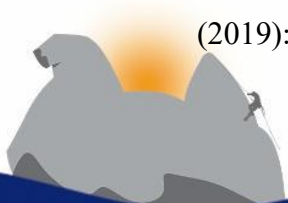
Neste estudo, compreende-se, que no processo migratório, no novo lugar, a cultura da escola muitas vezes difere da origem social do aluno. O estranhamento da cultura representado, para a escola gerou uma tensão associada aos dois grupos, quando associada à desigualdade pode ser entendido como expressão mútua de preconceitos podendo contribuir para o fracasso e a exclusão escolar. Não foi evidenciado a dificuldade de aprendizagem do aluno oriundo do Nordeste. A discussão a seguir, trata da pobreza e educação no contexto da migração.

Pobreza e educação no contexto da mobilidade dos sujeitos

A partir dos relatos do campo de pesquisa, Rio das Pedras tem como um dos fatores famílias que continuam migrando de um local para outro. Esse fato foi observado na revisão de literatura e no relatório de campo, a partir das vozes dos sujeitos deste estudo, o ir e o vir de nordestinos, que ocorre ainda nos dias de hoje, contribuindo para o crescimento urbano do local.

Nesta pesquisa, o processo de ir e vir, isto é, a mudança de um local para outro, ocorreu entre alguns municípios do Nordeste para a Comunidade de Rio das Pedras, na cidade do Rio de Janeiro, sendo este tipo de mobilidade que gerou as presentes análises. De acordo com Rosa (2019):

ir significa o *outro*, aqui entendido como alteridade geográfica porque o outro é lugar, cidade, estado, isto é, uma relação de ausência e presença pautada na distância. O *ir* é entendido, nas vozes dos sujeitos que saíram do Nordeste para o Rio de Janeiro, ao sair do seu local de origem



em busca de melhores condições sociais, tendo como sinônimos as palavras migração, imigrante/emigrante imigra/emigra. Já *vir* significa retornar para o lugar de origem, voltar para o local de nascimento para manter vínculos familiares, ou áreas próximas, o que, nesse contexto, tem como sinônimo, migração de retorno, isto é, o retorno para o lugar de pertencimento (p. 90).

A partir das vozes dos participantes deste estudo, famílias continuam migrando de um local para outro. Esse fato foi observado na revisão de literatura e também no relatório de campo, a partir das vozes dos sujeitos deste estudo. Migrar para estes sujeitos, apresenta-se como perspectiva para adquirir melhores condições sociais, algumas situações assemelham-se às descritas pelos autores estudados até aqui.

A mobilidade dos sujeitos entre os estados da Região Nordeste e o Rio de Janeiro, na Região Sudeste, impossibilita o número preciso no quantitativo populacional, uma vez que os dados partem de estimativas. Originários de diferentes locais do Nordeste do Brasil, a explicação para a mobilidade se dá na busca de trabalho e melhoria na qualidade de vida. O crescimento da favela com a especulação imobiliária e o tipo de construção erguida, área ocupada e a procura por vagas escolares, indicando que as pessoas estão em movimento.

Os moradores de Rio das Pedras ocupam vagas de emprego nos estabelecimentos comerciais do local e nos bairros vizinhos, entre os empregos mais citados são: construção civil, serviços de bares e restaurantes, atividades domésticas, empregos em lavanderias e rede hoteleira.

Os perfis das famílias originárias do Nordeste destacaram-se pela condição socioeconômica; as crianças e jovens com matrículas na escola pública e a rede de apoio familiar sendo predominante a família nuclear, com pai, mãe e filhos. A seguir, a Andreia que é da família Sousa, tem 32 anos de idade, é residente na Comunidade Rio das Pedras com o marido e um filho de 6 anos:

Andréia – foi no ano de 2003 [...] primeiro eu não vim morar de vez, eu vim para passear [...] arranjei um trabalho e fiquei trabalhando. Eu trabalhei num restaurante, lá na praia do Flamengo [...] esse restaurante com um ano ele fechou, quando alugaram fizeram um contrato e o contrato venceu, aí o dono pediu o prédio e todos ficaram desempregados (Entrevista, Andréia, 32 anos, família Sousa – Relatório de campo – dia 13/04/2016).

Andréia - no começo assim, eu estranhei muito. Mais depois eu me acostumei. No primeiro ano foi difícil, eu tinha uma vontade tão grande de voltar. [...] Você numa cidade do interior, as sete horas da noite você não vê ninguém na rua mais. Aqui no Rio das Pedras, nossa senhora, você sai de casa parece que você vai a uma festa, de tanta gente na rua, aquela muvuca, entendeu? É diferente, barulho. Lá é mais sossegado, mais tranquilo. E é o movimento assim, que você tem aqui que lá você não tem [...]. Eu tenho vontade de voltar, [...] eu moro aqui no Rio das Pedras, aqui eu não tenho parentes, eu não tenho ninguém. Aqui vive eu, o Renato e meu marido. Lá não, eu tenho minha mãe, meus irmãos, a gente tem família, a gente sai mais. Aqui a gente é muito preso, é diferente (Entrevista, Andréia, 32 anos, família Sousa – Relatório de campo – dia 13/04/2016).

Andréia - eu trabalhava na farmácia ali em frente a loteria. Entendeu? Eu trabalhei ali, eu ainda não estava grávida não. Aí engravidei, quando o Renato nasceu eu fiz acordo e saí. Assim, você trabalha sábado, domingo, feriado, natal e ano novo [...] (Entrevista, Andréia, 32 anos, família Sousa – Relatório de campo – dia 13/04/2016).

Para Andréia, o processo migratório não foi difícil, mas, a sua permanência no Rio de Janeiro foi motivada pelo trabalho. Ela relata a experiência do trabalho em um restaurante, descreve a rotina semanal do trabalho na farmácia e o desemprego. Também, faz uma comparação do local de onde veio e o atual, se refere ao *sossego* e a *muvuca*, para diferenciar a rotina diária entre a cidade de Itapororoca e o Rio das Pedras, no Rio de Janeiro. Neste caso, é possível sustentar a hipótese do crescimento urbano da favela, devido ao aumento da ocupação territorial e a crescente procura por vagas para a matrícula de alunos na escola.

Para Andréia, a mobilidade não está relacionada apenas à mudança de um lugar ao outro, mas é uma consequência da necessidade de emprego para a manutenção do seu modo de vida. Em seu relato, percebe-se que a imigração está associada à necessidade de trabalho e a possibilidade de melhoria das condições de vida.

A Carla é da família *Rodrigues*. Na entrevista, ela informa que é filha de imigrantes vindos do Estado do Piauí e da Paraíba e nasceu no Rio de Janeiro. Tem 29 anos, é mãe de dois filhos, o seu esposo é imigrante do estado de Pernambuco. Ela descreve a sua rotina:

Olha a minha vida aqui é tranquila, é de casa pro trabalho, [...] acordo, deixo meu filho na escola, da escola vou pra casa, venho, daí pego no trabalho nove horas e desço para trabalhar e trabalho até as sete da noite e vou pra casa, ficar com minha família, fazer os deveres de casa, durmo cedo. Porque meu filho ultimamente está dormindo na escola, está tendo esse problema de dormir na sala de aula, né, então eu tenho que dormir cedo com ele, assim, nove horas tô lá deitada com ele pra ele estar dormindo, né, no final de semana também não sou de sair, mas de ficar em casa, eu meu esposo, meu filho (Entrevista, Carla, 29 anos, família Rodrigues – Relatório de campo – dia 23/04/2016).

Para a entrevistada, ela organiza a rotina entre o trabalho que ela realiza na casa lotérica e o cuidado com o seu filho de três anos, leva à escola e ensina suas atividades escolares. Porém, destacou que dorme cedo em função do horário da escola do filho. Quanto ao seu

conhecimento sobre a realidade da vida das pessoas no Nordeste, é baseado nos relatos dos familiares e de outras pessoas do seu convívio.

Neste estudo, parte-se da expressiva população nordestina na situação de imigrante e cuja cultura foi vista como *diferente* da cultura do outro. As diferenças entre as regiões Nordeste e Sudeste são acentuadas em vários espaços, mas, não foi relacionado às famílias e a aprendizagem dos alunos na sala de aula, quando foi comparado aluno migrante e não migrante.

Fleuri (2003) ressalta a existência de diferenças culturais, como exemplo, étnicos e raciais, quando negadas, contribuem para a permanência das desigualdades sociais e educacionais, ao enfatizar que “a educação intercultural assumiu a finalidade de promover a integração entre

culturas, a superação de velhos e novos racismos, o acolhimento dos estrangeiros e, particularmente, dos filhos dos imigrantes na escola” (p. 20). Neste contexto, normas e valores norteiam as interações sociais através dos processos de aprendizagens e identidades com os outros e no mundo em que vivem.

A educação passa a ser entendida como o processo construído pela relação tensa e intensa entre diferentes sujeitos, criando contextos interativos que, justamente por se conectar dinamicamente com os diferentes contextos culturais em relação aos quais os diferentes sujeitos desenvolvem suas respectivas identidades, torna-se um ambiente criativo e propriamente formativo, ou seja, estruturante de movimentos de identificação subjetivos e socioculturais. (Fleuri, 2003, p.31-32).

A descrição dos processos migratórios do Nordeste para o Rio de Janeiro, resulta de processos violentos e opressores em uma sociedade com desigualdades sociais e educacionais. Essas diferenças entre as pessoas criam um movimento para fora do mercado de trabalho, que é semelhante à desqualificação social.

A desqualificação social, como define o Paugam (2004), “é uma relação de interdependência entre os pobres e o resto da sociedade, que gera uma angústia coletiva, já que um número crescente de indivíduos é considerado como pertencente à categoria de pobres ou de excluídos” (p. 71). A pobreza é resultante de um processo de formação social que tem contribuído para o distanciamento entre as classes, formando aglomerados de populações de baixa renda onde se encontram os mais excluídos.

No Brasil, observa-se que o crescimento do trabalho que se costuma chamar “de trabalho por conta própria” parece ser resultante da modernidade, que sinaliza, embora de modo equivocado, uma saída da instabilidade empregatícia e do desemprego. Portanto, temos uma

nova forma de vínculo de emprego, podendo interferir nas relações de pobreza e de risco social que são, assim, de exclusão e de desigualdade.

Recriaram-se ou importaram-se modelos de seguridade e assistência social baseados em programas de curta duração, como o auxílio desemprego e a diversas modalidades de auxílios e bolsas que caracterizam as redes de proteção ao trabalhador desempregado e/ou socialmente necessitado.

Os autores eleitos contribuíram com discussões e ampliaram o conhecimento sobre as desigualdades sociais e educacionais em contexto migratório, a vivência na escola em locais com violências, como Rio das Pedras tendo como base a voz dos sujeitos participantes deste estudo serão aprofundadas a seguir:

A vivência na escola a partir das vozes dos sujeitos participantes do estudo

A vivência na escola foi descrita através das atividades escolares e da aprendizagem, que revelaram como são entendidos os alunos da sala de aula pesquisada. Esses alunos, descendentes em sua maioria de nordestinos ou, sendo eles os próprios imigrantes, residem na comunidade de Rio das Pedras, no Rio de Janeiro.

A observação da sala de aula e da reunião do conselho de classe auxiliaram na composição do cenário que envolve gestores, funcionários, professores, alunos e alunas da sala de aula do 4º ano do Ensino Fundamental I, da Escola Luiz Gonzaga, nome fictício.

Presente na comunidade há quase dez anos, a Escola “Luiz Gonzaga” foi entendida como um espaço que integra atividades culturais relacionadas ao Nordeste. A partir do relatório de campo, busca-se compreender como os sujeitos colaboradores desta pesquisa descrevem as relações e as vivências escolares permeadas por interações, tarefas escolares, normas comportamentais e punição. As vozes presentes no conselho de classe apresentam relatos que indicam possibilidades de se pensar sobre as práticas escolares e de sala de aula, em que a aprendizagem do aluno é associada ao comportamento.

O quadro teórico delineado para este estudo apontou que, nas últimas duas décadas, têm-se evidências de que as desigualdades sociais e educacionais no Brasil ganharam centralidade na agenda pública do governo. Os avanços foram resultados da adoção de diferentes políticas orientadas a reverter a desigualdade. Porém, a condição social da família ainda é um fator de impacto relevante, podendo resultar em processos migratórios.

O processo de migração para os sujeitos participantes desta pesquisa, que corresponde ao grupo familiar, sinalizou que a precariedade nas relações de trabalho e o desemprego foram alguns dos fatores para que ocorresse a imigração da região Nordeste para o Sudeste do país, portanto, para esses sujeitos, ocorre por um fator econômico. Também a educação como um direito tem ocorrido de forma desigual, o que pode ter contribuído para criar oportunidades sobre as escolhas dos sujeitos.

Em relação às desigualdades sociais, Dubet (2001) apresenta duas posições: uma relacionada às escalas e registros, e a outra como um conjunto de processos sociais e de mecanismos individuais e coletivos. Para o autor, a segunda perspectiva mostra a dupla natureza das desigualdades, entre as quais algumas se reduzem, enquanto outras crescem. É essa a relação que se estabelece em uma sociedade onde direito de igualdade e oportunidade aparecem de forma oposta entre as classes sociais.

Desse modo, a desigualdade vai sendo explicada a partir das relações econômicas e da estrutura de classe, assim como por razões étnicas, educacionais, de gênero, etárias, aspectos

em que há demonstração de desigualdades. Porém, compreende-se que a escolarização envolve outros fatores.

A relação entre escola e comunidade foi caracterizada pelo grupo gestor e pelos professores como positiva, algo que vem sendo construído há quase dez anos. As falas abaixo, indicam essa relação como “coisa boa”, “positiva”, “diálogo” que a escola mantém com a comunidade, ao destacar que costuma ouvir as necessidades da família para o enfrentamento das situações que envolvem o aluno.

Essa marca a gente já tem dentro da comunidade não é de agora. Uma marca boa e positiva, objetivando que no futuro essas crianças tenham história para contar quando chegarem a nossa idade que eles tenham a lembrança dessa escola como uma coisa boa” (Fala da Diretora, Conselho de Classe - Relatório de Campo – 07/12/2016).

Preocupada com a situação do rendimento escolar do aluno, a escola tem procurado conscientizar as famílias sobre a importância do término do ano letivo dos seus filhos, situação descrita no relatório de campo. Os relatos de alunos e alunas sobre as suas famílias, revelaram que o desemprego e a separação dos pais foram alguns dos motivos que impactaram a sustentação do aluno na escola e a sua permanência na comunidade.

Em relação aos pais, os professores consideram importante a presença na escola e mostram ser fundamental sua relação com a direção e com a coordenação. Através da culminância

dos projetos e confecção dos murais, tem-se aproximado os pais da escola, permitindo acompanharem as atividades escolares dos filhos. A visão dos professores é que “deve-se sempre dialogar sob diferentes aspectos, a culminância e os projetos que integram com a vida escolar e preparam para a vida fora da escola”, neste sentido, o “diálogo é um diferencial na interação com a comunidade” (Fala da Coordenadora, Conselho de Classe - Relatório de Campo – 07/12/2016).

A escola vê o aluno como aquele que precisa de outras experiências para adquirir conhecimentos, ao informar que os alunos não visitam exposições, museu, cinema, teatro e que precisam de outros conhecimentos. Esta explicação ocorre a partir de reflexões sobre realização de atividades fora da escola e que se manifestam na aprendizagem, ao considerar que:

a gente sabe que a maioria dos nossos alunos não visitam exposições, museus, cinema, teatro, a escola precisa ser toda voltada para a questão pedagógica, né? Para sensibilizar, para tocar, para mostrar os efeitos de sala de aula, então, se eu desço a criança correndo e não percebo que os alunos estão todos encostados no mural, no paredão, como um muro [...] por que estou falando isso? A relação é espacial, as crianças dessa comunidade elas não têm praça, não têm parque, as casas muitas não têm janelas, são vielas, aí elas estão encolhidas (Fala da coordenadora, Conselho de Classe - Relatório de Campo – 07/12/2016).

A percepção da escola é que a condição social de baixa renda impossibilita adquirir conhecimentos em outros espaços. De fato, a favela Rio das Pedras pode representar um

contexto social e econômico diferenciado, de outros espaços no Rio de Janeiro, mas não estaria a aprendizagem do aluno relacionada somente à questão local, à moradia e à origem familiar.

A Escola “Luiz Gonzaga” aponta algumas dificuldades enfrentadas, como a ausência da família na escola, situações como a separação dos pais e a dificuldade de a mãe levar o filho à escola e a violência e o machismo, aspectos apontados pela escola como parte do contexto social do aluno, índices vistos como parte da “perspectiva cultural das famílias”. Essas questões, para a escola, vão além da realidade em que ela pode interferir, justificando que:

Os pais estão com pouco tempo para sentar, para conversar, para ler, fora as questões de violência na comunidade, a organização da casa. Uma casa com quarto com cozinha com local para comer, muitos deles não tem essa organização. E depois, quando chega na escola tem esse espaço todo, tem janela, tem sala de informática, tem sabe, a sala de leitura, isso modifica o espaço e precisa se trabalhar (Fala da coordenadora, Conselho de Classe - Relatório de campo 07/12/2016).

Se considerarmos a educação, isto é, sua ação pedagógica, sua forma mais eminente acontece na escola, porém há outras formas de educação, como aquela desenvolvida pela família. Na opinião da escola, a organização desse espaço revela que essa instituição difere

da família. Na medida em que a escola se organiza e compreende que o espaço interno deriva da forma como se constitui a comunidade e o contexto social na qual está inserida, ele se entende como espaço tomado por decisões no seu cotidiano e pela necessidade de gerir-se, daí a preocupação demonstrada com o comportamento disciplinar.

Como a escola está situada em um espaço do Rio de Janeiro, nela, estão interagindo os sujeitos com culturas diferentes. Uma vez que a cultura perpassa todas as ações dos sujeitos no cotidiano escolar, recai sobre ela a cultura carioca e a cultura nordestina para a formação de hábitos, comportamentos e saberes que vão se construindo. Nesse caso, os valores familiares são vistos como diferentes do aluno *na* escola.

Professores, diretoras e coordenadoras reconhecem que, no espaço da escola, há dois grupos de alunos. Um deles precisa *aprender a falar, a não gritar, a não correr, agressividade, falta de comportamento, falta de regras*, portanto, precisam de rotina. A escola ressaltou que a falta de bom comportamento pode interferir na aprendizagem do aluno.

Assim, o grupo gestor definiu como *diferente* a sua vivência. O aluno imigrante é aquele cujo comportamento é classificado como *diferente* do *nosso referencial*. Para o outro, compreendemos ser o carioca como já inserido no contexto cultural da escola. Porém, lembremos, a escola está situada em Rio das Pedras, comunidade formada por sujeitos de diferentes origens, ressaltando as diferenças entre os alunos. A esse respeito, a coordenadora declarou:

É muito difícil, é um processo sério até porque a vivência deles é muito diferente das que a gente vive, o nosso referencial é um e dessa criança é outro, então a gente sabe que muitas das coisas acontece sim dentro da escola, mais tem questões que eu debato nisso, desde quando eu aqui entrei, que são comportamentos fechados, estacionados. São aqueles comportamentos que eu tenho que tá desenvolvendo com as crianças que são comportamentos institucionais. E aí, aos poucos, você vai mostrando para essa criança que, quando você tem regras, você tem rotina, a criança começa a se enquadrar dentro daquilo que você propõe. E, ao mesmo tempo, você vai ensinando a ouvir, a falar baixo, a não gritar, porque a gente não responde dessa forma. É trabalhando? É trabalhando (...) (Fala da Coordenadora, Conselho de Classe – Relatório de Campo – 07/12/ 2016).

Entendemos que, por *vivências diferentes*, a escola observa as vivências do aluno, reconhecendo a existência de grupos diferentes de sujeitos no espaço da escola. Neste sentido, considera-se a possibilidade de a escola ser pensada na perspectiva da *cultura carioca* que é diferente da cultura da maioria dos seus alunos, isto é, o comportamento foi tratado como aspecto cultural/local das famílias. De acordo com os resultados analisados sobre o contexto familiar do aluno da sala de aula pesquisada, há predomínio de alunos com

origens do Nordeste, assim a perspectiva cultural do aluno é diferente da carioca, manifestada no espaço da escola através do comportamento.

A fala é reveladora de que a escola faz uma diferenciação quanto à origem do aluno, portanto, existe a necessidade da construção de um tipo de comportamento que o oriente de acordo com a concepção da escola. Por *nosso referencial*, entendemos a concepção de educação que a Escola Luiz Gonzaga defende, porém isso é diferente da trajetória escolar da maioria dos alunos.

O comportamento está relacionado ao resultado do aluno na escola. Uma das formas utilizadas pela escola é o controle do aluno através da fila. A fila marcou a rotina diária do aluno na escola, seguindo enfileirado nos espaços da escola

Assim, as falas abaixo indicaram o sentido da fila na perspectiva dos gestores e dos professores da escola:

Se você permite a entrada mais confortável, a subida mais tranquila e então você vai galgando todos os passos para, quando chegar na sala de aula, todo mundo na subida, no caso da entrada, ou descer, no caso da saída, está mais tranquilo (Fala da Coordenadora, Conselho de classe - Relatório de Campo – 07/12/2016).

Ir ao banheiro, beber água, sentar, levantar, eu acho que ia diminuir bastante essa correria, uma coisa que eu acho se todos os professores combinassem que vão formar [fila] por ordem alfabética, ou por tamanho, ou por ordem de tamanho, porque eles querem correr para serem os primeiros [verdade?] se falar assim, por ordem de tamanho o cara já perdeu metade da velocidade dele, então, eles não vão continuar (Fala da Diretora, Conselho de classe - Relatório de Campo – 07/12/2016).

A primeira fala evidencia que a fila foi vista como um aspecto importante para criar hábitos, comportamentos, sugerindo hierarquização dos corpos na rotina escolar, através de uma educação contínua, envolvendo a relação *familiar e espacial* de viver na Comunidade.

Compreende-se que, para o sujeito participante da pesquisa, as várias mobilidades resultaram da condição socioeconômica do lugar de onde vive uma parte significativa das famílias, o Nordeste do país, também resulta de uma condição de pobreza, compreendida como um processo social.

As descrições e interpretações dos dados do campo possibilitaram a percepção de uma realidade no tempo presente, revelando a escola como espaço de construção social.

Conclusões

O presente estudo discutiu as vivências na escola e os desafios enfrentados no campo pedagógico situados em locais de conflitos e violência urbana. Os dados de pesquisa que

sustentam este texto partem dos princípios da pesquisa qualitativa de abordagem etnográfica crítica.

Entendeu-se que por mobilidade o *ir* e *vir* dos sujeitos da pesquisa entre algumas cidades da região Nordeste e a comunidade Rio das Pedras, as condições socioeconômicas das famílias indicam a busca de emprego e um tipo de trabalho mais bem remunerado, sustentam os motivos que levaram a mudança de lugar.

No entanto, na fala das famílias participantes do estudo, o desemprego é um dos motivos que impactam a permanência na comunidade. Fato confirmado pelo grupo de gestor da escola com a saída e a entrada do aluno e a procura por matrícula durante todo o período letivo. Em relação à aprendizagem, não há evidências de que a mobilidade contribui para os indicadores de fracasso escolar.

As descrições e interpretações dos dados do campo mostram a realidade dos sujeitos em mobilidade no tempo presente, revelando a escola como um espaço de construção social que nem sempre reconhece as identidades e os pertencimentos dos estudantes que convivem em uma mesma comunidade. Por fim, acredita-se que o estudo contribua para o entendimento da escola como um espaço de construção social, a partir dos próprios sujeitos.

Referências Bibliográficas

- André, Marli. O que é um estudo de caso qualitativo em educação?. Revista da FAEBA: Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, dez. 2013. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-70432013000200009&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 8 maio de 2025.
- Bachtold, Isabele Villwock; Robert, Rut Rosenthal. Cap. 7. Etnografia como evidência: contribuições e desafios do uso de estudos etnográficos para análise de políticas sociais brasileiras. In: Políticas públicas e usos de evidências no Brasil: conceitos, métodos, contexto e práticas. Ipea: Brasília. 2022, p. 251-283.

Burgos, Marcelo Baumann (org.). **Utopias da comunidade**: Rio da Pedras, uma favela carioca. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio; Loyola, 2002.

Dubet, F. As desigualdades multiplicadas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 5-19, maio/jun./jul./ago. 2001. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n17/n17a01.pdf>>. Acesso em: 10 maio. 2025.

Fleuri, Reinaldo Matias. Intercultura e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 16-35, maio/jun./jul./ago. 2003. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a02.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2025.

Martins, J. S. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997.

Mattos, C. L. G. de. **Picturing school failure**: a study of diversity in explanations of education difficulties among rural and urban youth in Brazil. 1992. Tese (Doutorado em

Educação) – Graduate School of Education, The University of Pennsylvania, Philadelphia, 1992.

Paugam, S.O enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais: uma dimensão essencial do processo de desqualificação social. In: SAWAIA, B. (org.). **As armadilhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 67-86.

Ribeiro, D. *O povo brasileiro*: a formação e o sentido do Brasil. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Rosa, Antonia Valbenia Aurélio. Migração do Nordeste a Rio das Pedras: um estudo de caso etnográfico. 2019. 151 f. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, 2019. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação, 2019.

XVI
FIPED



REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP